

4701280 - DIVERSIDADE

O historicismo idiográfico e seus impasses

Docente responsável: Danilo Silva Guimarães

(CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9266781984642215>)

Monitor PAE: José Henrique Parra Palumbo

A metodologia experimental nas ciências humanas

Com o sucesso no âmbito dos fenômenos naturais não demora para o método experimental avançar sobre os fenômenos humanos. Investigações de fenômenos políticos, econômicos, históricos, jurídicos, religiosos, etc., que até então eram majoritariamente trabalhados pela filosofia, passam a ser investigados com o método experimental. Esse movimento pode ser observado na fundação da sociologia por Auguste Comte, que a concebia como uma espécie de física social (COMTE, 1830- 1842, p. 8), ou seja, uma mera extensão do método experimental dos fenômenos naturais para os fenômenos humanos. E não só a sociologia, mas todas as ciências humanas, em seu processo de formação no século XIX, seriam fortemente influenciadas pela metodologia experimental. (Rezende Junior, 2017, p. 140)

Crítica romântica ao iluminismo

O conceito de iluminismo, na acepção ampla que recebeu na obra seminal de Horkheimer e Adorno, designa a tradição cultural e se define pela postura crítica e pelo combate a todas as tradições. Seu objetivo é libertar o sujeito para o desempenho sem entraves do seu poderio técnico-manipulatório sobre a natureza, domando-a e submetendo-a a suas próprias finalidades. (p. 135)

A oposição ao cientificismo objetivista no pensamento psicológico decorreu, efetivamente, ou da metafísica bergsoniana [...] ou de uma posição crítica bem mais radical ao iluminismo—o romantismo dos séculos XVIII e XIX. Foi, como se verá, no contexto da problemática romântica e assumindo muitas de suas propostas que a vertente subjetivista do iluminismo foi incorporada às tradições do pensamento psicológico. (Figueiredo, 1989/2010, p. 136)

Crítica ao método analítico

Do ponto de vista epistemológico, o romantismo se opõe à metodologia analítica segundo a qual a natureza, para ser compreendida deveria ser dividida nas mínimas partículas que se organizariam por leis de associação mecânicas. Em vez disso, propõe a observância à noção de forma e de modelos geradores como unidades da apreensão estética do mundo.

A valorização da tradição e da estética no romantismo o aproxima de posturas anti-racionalistas.

Adaptação X criatividade

O romantismo se aproxima do funcionalismo, no âmbito de suas ontologias, na medida em que ambos são antielementaristas. Contudo, no funcionalismo, o objeto se subordina à noção de sistema composto de unidades significativas ao contexto estrutural. O objeto se subordina à racionalidade instrumental. Para o romantismo, contudo, a noção de totalidade enquanto objeto intuitivo é inacessível aos procedimentos analíticos e não se subordina às leis da sobrevivência e da adaptação. É produtora, criativa, movida pelo conflito e não pela busca de cooperação entre as partes do todo.

Método e tipo de experiência

O estopim das disputas sobre o método das ciências no século XIX se dá com a defesa do positivismo de um método único para todas as ciências, tanto àquelas que tratam de fenômenos naturais quanto às que tratam de fenômenos humanos.

Reagindo a esse monismo metodológico, que tinha como principal expoente Comte, Dilthey defenderá que não existe apenas um método científico, mas que esse é determinado pelo tipo de experiência. Para Dilthey, o tipo de experiência que temos num fenômeno natural, como a ebulição da água, é diferente da experiência que temos com um fenômeno cultural, como uma cerimônia religiosa, e é justamente a peculiaridade de cada experiência que vai determinar o método de investigação científico do fenômeno. (Rezende Junior, 2017, pp. 140-141)

Concepção de experiência

A experiência externa é o que delimita o âmbito das ciências naturais [*Naturwissenschaften*]. Por experiência externa Dilthey entende aquilo que é dado nos sentidos, ou seja, as percepções. (DILTHEY, 1883, GS I, p. 9). Já a experiência interna é aquela que delimita o âmbito das ciências humanas, que Dilthey chama de “ciências do espírito” [*Geistwissenschaften*].⁵ Por experiência interna Dilthey considera o que é dado no que ele posteriormente chamará de “vivência” [*Erlebnis*].⁶ Na vivência, ou experiência interna, tem-se não só percepções provenientes dos sentidos, mas também os sentimentos e desejos do sujeito, o que, para Dilthey, constitui a experiência em sua integralidade. (Rezende Junior, 2017, pp. 141-142)

O intelectualismo amputa a experiência interna

Enfim, as ciências morais, ao invés de repousar sobre e acentuar a separação entre sujeito objeto, supõem e promovem a aproximação entre eles, superando as distâncias de espaço e de tempo, as diferenças de costume e de linguagem, as singularidades dos indivíduos. Para esta problemática—a da comunicação—os conceitos românticos de organismo ou totalidade eram essenciais: eles enfatizam a natureza estrutural, holística dos fenômenos da cultura: as cosmovisões, as mitologias, as obras de arte, os códigos jurídicos, etc. só se deixam apreender quando tomados molarmente. (Rezende Junior, 2017, p. 142)

Dualidade entre ciências naturais e humanas

A questão da compreensão no processo comunicativo é uma questão metodológica relevante para o historicismo idiográfico, na medida em que “o sentido será então compreendido como momento e expressão de uma totalidade histórico-biográfica” a ser encontrado no “sistema de valores e significados que estruturam a experiência do sujeito” (p. 145)

[...] Enquanto as ciências da natureza *explicam* aquilo que é dado na experiência externa (percepções), as ciências do espírito *compreendem* aquilo que é dado na experiência interna (vivência), o que inclui não só as representações, mas também sentimentos e desejos, constituindo os campos de investigação das línguas, das instituições sociais, dos mitos, da religião, do direito, da economia, da história, da arquitetura, etc. (Rezende Junior, 2017, pp. 143-144)

Do psicologismo à hermenêutica

Embora sempre mantendo como ponto de partida experiência interna (vivência), com a crítica ao psicologismo empreendida, em especial, pelos neokantianos (como Windelband), Dilthey se aproxima do enfoque intersubjetivo e cultural de uma hermenêutica que apontava para a compreensão do meio comum ante-predicativo: o espaço público onde se dão as relações.

O papel ativo do pesquisador (neokantismo)

Experiência, a princípio, é simplesmente o fluxo irracional de nossas vivências. Qualquer forma de organização ou classificação das vivências, em termos espaciais (interno, externo), temporais, físicos, psíquicos, afetivos, volitivos, etc., é um processo de categorização que depende da ação do sujeito do conhecimento. (Rezende Junior, 2017, p. 147)

Desse modo, muda-se o critério de classificação das ciências:

[...] para Windelband, o que distingue as ciências e seus respectivos métodos não é a experiência, mas sim a meta cognitiva do investigador [*Erkenntnisziele*]. (WINDELBAND, 1894, p. 10). No caso das ciências naturais, o que o investigador busca em suas pesquisas é o estabelecimento de leis [*Gesetze*]. Já nas ciências que tratam de fenômenos sociais, históricos e culturais o que o investigador busca é o estabelecimento de eventos [*Ereignis*] ou configurações [*Gestalten*]. (Rezende Junior, 2017, p. 148)

O papel crítico da filosofia

Windelband, portanto, visa compatibilizar o romantismo historicista com o campo das disciplinas científicas, estabelecendo que a filosofia teria um lugar de fazer a crítica metodológica em relação às demais ciências que haviam se especializado e se diferenciado da filosofia:

Em boa medida, foi procurando responder a estas perguntas que se desenvolveram as escolas neokantianas. Visando estabelecer um diálogo produtivo com as ciências, os primeiros pensadores neokantianos buscavam na filosofia crítica de Kant um porto seguro que os permitisse escapar dos exageros especulativos do idealismo alemão e, ao mesmo tempo, fornecer reflexões sobre problemas científicos, dos quais o positivismo cientificista não dava conta, redundando sempre em alguma forma de ceticismo ou de metafísica (Rezende Junior, 2015, p. 383).

O nomotético e o idiográfico

[...] Na sua busca pelo conhecimento da realidade, as ciências empíricas buscam pelo geral na forma de leis da natureza ou pelo particular na forma de uma estrutura historicamente definida. De um lado, elas estão preocupadas com a forma que invariavelmente permanece constante. De outro lado, elas estão preocupadas com o único, imanentemente definido conteúdo do evento real. As primeiras disciplinas não são ciências nomotéticas. As últimas disciplinas são ciências do processo ou ciências do evento. As ciências nomológicas estão preocupadas com o que é invariavelmente o caso. As ciências do processo estão preocupadas com o que foi uma vez o caso. Se eu puder me permitir introduzir novos termos técnicos, o pensamento científico é *nomotético* no primeiro caso e *idiográfico* no segundo. (Windelband, 1894, p. 175)

Dicotomia metodológica X conteúdos

Desse modo, o objeto já aparece dentro de determinações conceituais, as palavras utilizadas para se referir a um acontecimento já pressupõem uma significação geral estruturada. O que muda, de um tipo de ciência para outro é a postura cognoscente do pesquisador, visando leis gerais ou eventos. Não se tratam de realidades distintas, mas pontos de vista, modos de abordar os fenômenos empíricos. São diferenças de procedimento e não de conteúdo (objeto da investigação) e essas diferenças não encerram dicotomias, mas extremos, pontos limites, inclinações, que convivem numa mesma disciplina ou pesquisa.

Nós devemos ter em mente que essa dicotomia metodológica classifica apenas modos de investigação, não os conteúdos do conhecimento em si mesmos. É possível—e de fato este é o caso—que os mesmos objetos possam ser objeto de ambos, uma investigação nomotética e idiográfica. (Windelband, 1894, p. 175)

Ciências nomológicas

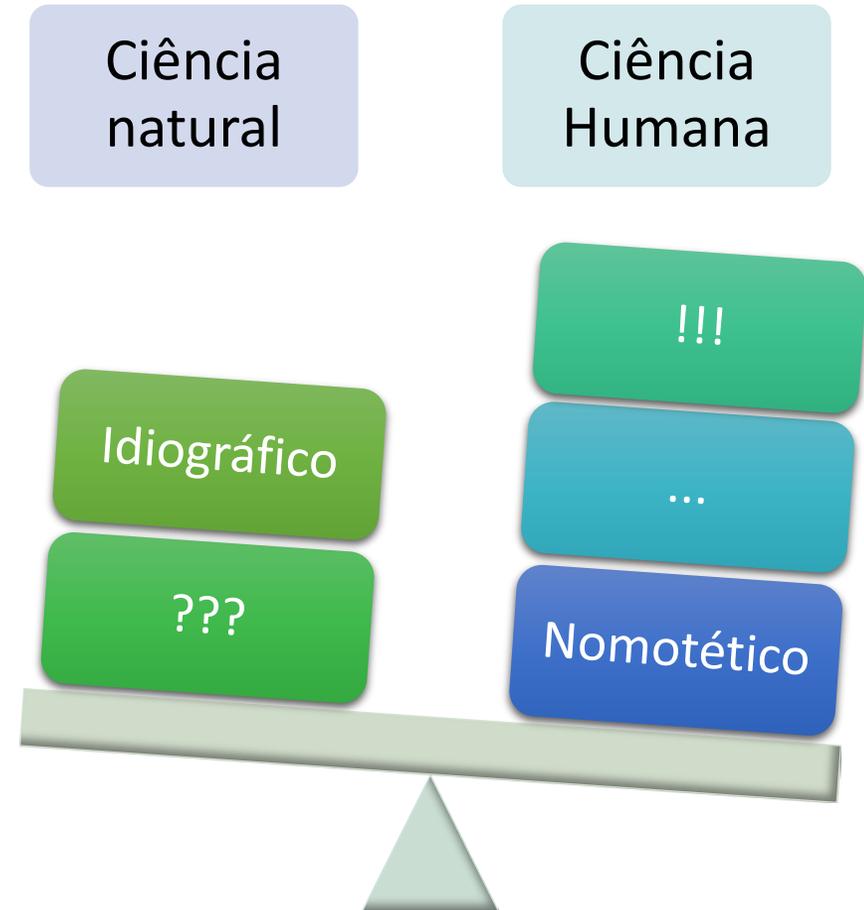
Nas ciências nomológicas os objetos são investigados como compostos de elementos menores, de modo que a pesquisa procede por separação real, o que se chama de “experimento” (*Experiment*), ou por separação ideal, o que se chama de “análise” (*Analyse*) (*Ibid.*). Nos dois casos o objetivo é estudar o status dos elementos singulares em sua legalidade. A compreensão fornecida por esse modo de pesquisa é baseada no princípio da “causalidade mecânica” (*mechanischen Kausalität*) (*Ibid.*, pp. 36 e 44), pelo qual o todo é considerado como resultado das partes e completamente determinado por elas. (Rezende Junior, 2015, pp. 397-298)

Ciências idiográficas

Já nas ciências idiográficas, no lugar de experimento ou análise, o que se tem é a configuração de uma unidade pessoal ou suprapessoal (*personale oder über personale Einheiten*) (*Ibid.*, p. 45) que possa ser compreendida em sua singularidade de evento. A compreensão fornecida por este modo de pesquisa é baseada no princípio do “organismo” (*Organismus*), segundo o qual o todo determina as partes que ao mesmo tempo determinam o todo. Trata-se aqui, segundo Windelband, da mesma categoria descrita por Hegel como “universal concreto” (*konkret Allgemeine*), segundo a qual o objeto é apreendido em sua singularidade na medida em que é reconhecido como uma parte constitutiva e necessária de uma totalidade plena de sentido (*Ibid.*, pp. 36 e 45). (Rezende Junior, 2015, p. 398)

Psicologia: o fiel da balança

[...] Da perspectiva de seu objeto de estudo, a psicologia só pode ser uma ciência da mente. Em certo sentido, ela deve ser descrita como a fundação de todas as outras ciências da mente. Da perspectiva da psicologia como uma investigação, no entanto, seus procedimentos metodológicos são, exclusivamente, os métodos das ciências naturais. Como consequência, é inevitável que a psicologia tenha sido muitas vezes descrita como “a ciência natural da percepção interna” ou mesmo como “a ciência natural da mente.” (Windelband, 1894, p. 174)



Referências:

- Figueiredo, 1989/2010
- Rezende Junior, 2015
- Rezende Junior, 2017
- Windelband, 1894